REVISTA DIÁLOGOS MEDITERRÂNICOS

ISSN: 2237-6585

PINTO, Renato. SILVA, Maria Aparecida de Oliveira (orgs.). *Violência no Mundo Antigo*: materialidades, discursos e imaginários. Recife: Ed. UFPE, 2024. 435 p. (Série Ars Historica)

RESENHA DE LIVRO

Fernando Mattiolli Vieira[1]
Universidade de Pernambuco (UPE)

Os estudos sobre violência na Antiguidade tiveram um acréscimo historiográfico importante ao final do ano de 2024, com a publicação do livro *Violência no Mundo Antigo: materialidades, discursos e imaginários*, organizado por Renato Pinto (UFPE) e Maria Aparecida de Oliveira Silva (FSB-SP). O livro é da série *Ars Histórica*, do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Essa obra deve ser considerada objeto de resenha não apenas para promoção e/ou crítica, mas principalmente por constituir uma contribuição historiográfica precisa sobre o tema da violência na Antiguidade produzida por autores brasileiros – levando em conta o baixo número de publicações nas últimas décadas. Por sua vez, informo ao leitor que não é tarefa simples conceber uma crítica para um livro organizado, de 435 páginas, dividido em 16 capítulos de autores diferentes, cada qual com assuntos, contextos históricos e objetivos distintos, e que possui como único delimitador em comum o tema da violência no Mundo Antigo. Por isso, recorro aqui a conclusões mais genéricas.

A violência, em suas mais diversas formas, é um objeto apreciado principalmente por profissionais de áreas que têm o tempo presente como contexto principal, onde procuram compreender os conflitos, as causas geradoras da violência e seus gradientes, a elaborarem políticas de não violência etc. Com a Sociologia e a Antropologia vemos o interesse na criminalidade, na violência urbana e do campo, nas periferias e prisões

[1] Professor de História Antiga da Universidade de Pernambuco (UPE), *campus* Petrolina. Orcid: https://orcid.org/0000-0001-5308-1471

(Sérgio Adorno, José de Souza Martins, Roberto Kant, Alba Zaluar). Com a Psicologia e a Psicanálise compreendemos a violência doméstica, de gênero, étnica, o *stalking* (Vera Lúcia Besset). Na Educação, a preocupação é voltada para a violência no âmbito escolar, nos processos civilizadores e nas políticas de Estado (José Vicente Tavares). Há estudos importantes realizados no Brasil nas áreas da Filosofia (Marcelo Perine), Economia (Daniel Cerqueira) e do Direito (Salah Khaled Júnior). Por sua vez, os objetos não estão delimitados às compartimentações disciplinares e são analisados por perspectivas interdisciplinares em acordo com as multifaces da violência. É comum para essas áreas que pesquisas sejam geradoras de propostas políticas alinhadas aos Direitos Humanos.

Na História, os estudos sobre violência são mais comuns para os recortes tradicionais menos recuados no tempo – uma pesquisa básica com os filtros do lattes e/ou um levantamento bibliográfico basta para comprovar. Isso pode estar vinculado à maior oferta documental e à aparente proximidade com objetos mais contemporâneos (com feridas abertas que não cicatrizaram na Contemporaneidade), mas também está alinhado com o quadro da formação profissional de historiadores no país com um número menor de antiquistas que de especialistas de outras áreas da História. Tais considerações mostram o contexto historiográfico em que o livro *Violência no mundo antigo* está inserido e justificam seu valor. Adentremos aos seus conteúdos.

O livro possui 16 capítulos divididos em quatro partes: (I) "Lares violados: mulheres e crianças", (II) "Religiosidades e violências: ritos e magias", (III) "Práticas de violência: esporte, trabalhos forçados e repressão imperial" e (IV) "Poderes violentos: algumas teorias". Temas ligados ao *violent turn*, caracterizados sobretudo pela aproximação com os objetos da História Cultural, são contemplados (sobretudo) em capítulos como *Violências normativas: ser criança em Esparta, Violência e estupro nos estudos clássicos: Lucrécia, paixão e castidade, Violência contra mulheres no mundo romano: materialidade, imaginários e discursos, Violência doméstica no mundo romano: João Crisóstomo e a defesa em prol das mulheres casadas* e *Violência e esporte na Atenas clássica*.[2]

[2] Um trabalho precedente com essa orientação e que deve ser lembrado é *Sexo e Violência: realidades antigas e questões contemporâneas* (São Paulo: Annablume, 2011), organizado por José G. Grillo, Renata S. Garrafoni e Pedro Paulo A. Funari. A primeira parte do livro, "Mundo Antigo", possui capítulos que tratam do corpo, da homossexualidade, do mito e dos costumes como objetos para compreensão da violência.

Capítulos com objetos que podem ser considerados "tradicionais", que entrelaçam a violência com a política, com grupos privilegiados e o Estado, com as religiões, são contemplados principalmente nas partes II, III e IV, dos quais destaco *Violência, religião e poder: a destruição do Serapeum em Alexandria, Violência urbana e ordem pública na Antiguidade tardia: João Crisóstomo e a conversão de Antioquia numa hagia pólis, Violência imperial romana e identidade cristã: um exame da ekklesia de Filadélfia na Ásia Menor a partir do testemunho do apocalipse*. No entanto, o que pode ser considerado como "tradicional" refere-se aos objetos e não às abordagens. Alinham-se perfeitamente com novas perspectivas historiográficas dos estudos sobre *materialidades, discursos e imaginários*.

Diferentemente de assuntos estritamente acadêmicos, o tema violência desperta atenção não apenas do público especializado, mas também leigo. Se o interesse do historiador pela violência é por compreender como as relações de força moldaram o passado, o do leigo é por conviver com a violência – direta ou indiretamente – no âmbito doméstico, na comunidade, no campo, nas relações de trabalho e com o Estado, onde ao mesmo tempo procura se distanciar e interferir nela. Além dessa dimensão material da violência, os discursos e imaginários também interessam ao leigo por meio dos filmes de gladiadores, pelo tema da crucificação do profeta ensinado nas igrejas, pelos jogos olímpicos gregos mencionados nos programas esportivos da TV e no material didático das escolas. O livro *Violência no Mundo Antigo* tem potencial para contemplar esse público. Embora seus capítulos não abram mão de conceitos e metodologias, a escrita é clara, fluída e objetiva, com vocabulário pouco técnico e mais acessível. Esse potencial deveria ser mais bem explorado na divulgação.[3]

A atualidade do tema e do livro são inquestionáveis. A violência pode ser considerada um elemento estrutural nas sociedades contemporâneas e antigas, oferecendo espelhos contrapostos que possibilitam depreender seus limites na história. Os organizadores desse projeto – como a maior parte dos autores que escrevem sobre violência – apontam o cenário violento o qual vivenciamos para justificar os estudos sobre

[3] Ao término da escrita desta resenha, em fins de agosto de 2025, pude encontrar a divulgação do livro pelo site e Instagram da editora da UFPE e pela página do Facebook do Espaço Interdisciplinar de Estudos da Antiguidade (UFMS). Não houve um evento de lançamento do livro (ainda que virtual). Acredito que o projeto não tenha contemplado com estratégias de divulgação direcionadas nem para o público acadêmico nem para o público leigo.

a violência na Antiguidade (p. 12). Essa justificativa é obviamente legítima, mas o texto escrito deve estar alinhado com a atualidade da ciência História para poder conferir bons resultados. As páginas dessa obra mostram a utilização de conceitos, de metodologias e de abordagens interdisciplinares provenientes de autores clássicos como Durkheim, Elias, Bourdieu, Frazer, Evans-Pritchard, Foucault, Girard, e que foram desenvolvidos por uma centena de autores na historiografia em décadas recentes e utilizados pelos autores de *Violência no Mundo Antigo*.

É refletindo sobre a atualidade do tema que chego ao que considero como requisito necessário e não contemplado. O livro que tem por título *Violência no Mundo Antigo* poderia primar mais pela variedade de contextos antigos e oferecer mais do que apenas três capítulos claramente desvinculados de contextos greco-romanos (V, XIV e XVI). Esse "Mundo Antigo" apresentou-se como um contexto mais delimitado, que apresenta tipos de violência mais próximos da cultura ocidental (ou do interesse dela) e sobretudo vinculado a uma tradição curricular desde sempre presente no Brasil que privilegia a história europeia e os estudos clássicos.

Ciente de que a atualidade do tema reside no interesse contemporâneo, não posso deixar de relatar a ausência de um capítulo que considerasse a violência nos textos da tradição hebraica tão rememorados na política e nas igrejas atualmente. Mais de um ano antes do lançamento desse livro, em 7 de outubro de 2023, iniciou-se um conflito que dura até hoje (2025) e que tem dizimado uma população inteira por meio da violência extrema, legitimado por grupos brasileiros e do mundo através do expansionismo bélico hebreu presente na história bíblica. É também do Oriente Médio que são noticiados casos de violência política, religiosa, étnica, de gênero, como o da jovem Mahsa Amini morta pela polícia da moralidade no Irã (2023) por não usar o *hijab* e que desencadeou uma onda de protestos que foram reprimidos com mais mortes, ou o caos instalado na Síria depois da Primavera Árabe e que culminou com a derrubada de Bashar al-Assad e a consequente ameaça instaurada contra comunidades não muçulmanas (2024). Casos como esses reforçam uma concepção contemporânea difundida e equivocada de que aquela é uma "terra amaldiçoada/violenta", que conectam através dos discursos a Mesopotâmia antiga com as nações muçulmanas atuais. Há tantos outros contextos na África, na Ásia ou Américas que podem motivar estudos sobre a violência na Antiguidade.

Junto da crítica feita acima reforço que não contesto a qualidade e a importância de nenhum dos capítulos, mas afirmo que a pluralidade de experiências poderia mais bem se alinhar às perspectivas dos estudos de História Antiga atuais. Salvo esse apontamento, concluo que o conjunto da obra responde aos critérios básicos de um bom trabalho: os capítulos são bem escritos, os conceitos bem utilizados, as abordagens são modernas, todos os autores se utilizam de uma bibliografia bastante atualizada, com referenciais historiográficos importantes sobre diversas faces da violência – elementos que representam senão uma condução bastante cuidadosa do projeto por parte dos organizadores e que é muito difícil de alcançar em obras com tantos autores. Este projeto tornou-se, por fim, a mais extensa contribuição para os estudos sobre violência na Antiguidade já produzida no Brasil e creio que seu potencial poderá ser explorado por um longo tempo.[4]

O livro foi lançado em formato E-book e está disponível para download em https://editora.ufpe.br/books/catalog/book/968 (uma versão impressa seria muito bem-vinda!). Até o momento da publicação desta resenha, não pude encontrar alguma outra tratando dessa obra. Seria justo que o número de leitores desse livro fosse ampliado e resenhas melhores fossem publicadas.

[4] Para além do livro "Sexo e Violência: Realidades Antigas e Questões Contemporâneas" já mencionado na nota 1, há um número da revista do PPGH da UFRGS, de título Violência, Guerra e Migração no Mundo Antigo (v. 25, n. 47, Porto Alegre: PPGH, jul. 2018), organizado por Estefanía Bernabé-Sánchez, Katia Pozzer e Pedro Paulo Funari que merece ser consultado. Há mais uma pequena porção de artigos e capítulos sobre violência na Antiguidade oferecida por autores brasileiros e publicada fora de livros temáticos e dossiês, cada qual com sua importância.